

CACHOEIRINHA DO RIO PRETO: ASPECTOS HISTÓRICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

CACHOEIRINHA RIO PRETO: HISTORICAL ASPECTS AND SOCIO-ECONOMIC

Gilberto Celestino dos Santos

Prof. Dr. Curso de Geografia UEG-Quirinópolis
gilbertocelestino@yahoo.com.br

Fátima Sueli Marcon dos Santos

Profa. Dra. Curso de Geografia UEG-Quirinópolis
suelimarconn@yahoo.com.br

Resumo: A microrregião Cachoeirinha do Rio Preto é uma importante região produtiva do Município de Quirinópolis, localiza-se à Sudoeste e a uma distância de aproximadamente 34,3 quilômetros da sede municipal. Sendo fronteira com o Município de Rio Verde, ela registra uma das ocupações populacionais mais antigas do Município de Quirinópolis. Os primeiros habitantes a fixar residência na Cachoeirinha foram os senhores Anicésio José Cabral e seus irmãos, que vieram da microrregião Salgado em meados de 1850, foram Patriarcas das Famílias Cabral e Goulart, casou-se e teve vários filhos e filhas, entre elas a senhora Porcina que foi mãe de Maria Joaquina de Jesus – 1885 e João Ferreira Goulart – 1887. A maior parte das famílias descendentes de Anicésio constituíram residências nas cidades de Rio Verde e Quirinópolis - GO. No primeiro século de ocupação predominou a prática da lavoura e da pecuária de subsistência, com uso de mão de obra familiar, por ser plenamente agricultável torna-se a partir da segunda metade do século XX produtora de produtos comerciais, predominando os cultivos em pastagens para pecuária extensiva e lavouras de milho, soja e recentemente cana de açúcar. As mudanças no processo produtivo refletiram no surgimento e manutenção das festividades populares que teve seu auge no decorrer das décadas de 1960 à 1980, hoje a Cachoeirinha tem baixa densidade populacional e alta concentração fundiária nas áreas mais propícias às atividades agrícolas modernas.

Palavras Chave: População; Agricultura; Pecuária.

The micro region Cachoeirinha do Rio Preto is an important productive region in the Southwest part of the Quirinópolis County, 34.3 kilometers away from the county town. Bordering Rio Verde County, it has been the earliest population occupied area of Quirinópolis. The first inhabitants to settle on the Cachoeirinha micro region were Mr. Anicésio José Cabral and his siblings, who came from the Salgado micro region around 1850. They became the patriarchs of the families Cabral and Goulart, married and had many children. Among them, Ms. Porcina, who became mother of Maria Joaquina de Jesus in 1885 and João Ferreira Goulart in 1887. Most of Anicésio descendants moved and settled in Rio Verde and Quirinópolis - GO. Agriculture and subsistence livestock dominated the first century of settlement in this micro region. Family workforce was the main actor in this activity. Because the land was vastly tillable, commercial activity was introduced during the second half of the 20th century. Extensive livestock, soybeans, corn plantations and recently sugarcane have been produced. Changes in the production process fostered popular festivities, mainly from the 1960s to the 1980s. Currently Cachoeirinha presents low population density and elevated land concentration, which favors modern agriculture activities.

Keywords: population; Agriculture; livestock.

INTRODUÇÃO

A microrregião Cachoeirinha do Rio Preto localiza-se à Sudoeste e à uma distância de aproximadamente 34,3 quilômetros da Sede municipal. Começou a ser povoada provavelmente a partir de 1850. Hoje, os remanescentes mais idosos da família Cabral que habitam na Cachoeirinha são da quarta e quinta geração. O objetivo desta pesquisa foi realizar um levantamento histórico do processo de ocupação, seu desenvolvimento econômico e político social, usando como metodologia pesquisas bibliográficas, entrevistas e visitas.

Os resultados do processo de desenvolvimento são expressivos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, período em que esta microrregião torna-se uma potencial produtora de cereais, como produtos comerciais. A partir do início do século XXI, tem-se o predomínio absoluto dos cultivos em pastagens para pecuária extensiva e lavouras de cana em toda a microrregião.

BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO POPULACIONAL

O desenvolvimento de uma região ou microrregião passa por várias fases a partir do processo de ocupação, principalmente na Cachoeirinha do Rio Preto onde este processo inicia-se à aproximadamente um século antes da implantação e desenvolvimento das indústrias de máquinas agrícolas no mercado brasileiro.

A posse de vastas áreas de terras devolutas era a alternativa decorrente naquele período para iniciar o processo de ocupação, haja vistas que eram vastas áreas comunais e sem legalização jurídica de posse e sem uma referencia de valor venal. A posse, mesmo não sendo um processo de garantia legal da terra, expressava uma forma comum de ocupação e o domínio de grandes áreas, com extensões e limites aleatórios, fatos que tornaram objetos de grandes litígios entre os primeiros habitantes que constituíram residências fixas na cachoeirinha do Rio Preto e no Município de Quirinópolis.

Os primeiros habitantes a fixarem residências nesta microrregião, vieram do Estado de São Paulo ainda nos primeiros anos do século XIX, tornaram-se os primeiros proprietários, ocupando aproximadamente 60% das terras agricultáveis.

No período que transcorreu o processo de ocupação até a disponibilização de máquinas agrícolas modernas ou motorizadas, o trabalho braçal e a tração animal foram às alternativas possíveis para o desenvolvimento das práticas agrícolas, através dos cultivos de cereais. Já nas décadas finais do período da pré-mecanização, portanto, nas duas últimas décadas que antecederam ao processo de introdução da mecanização das atividades agrícolas,

os novos proprietários e trabalhadores migrantes participam intensivamente deste processo produtivo tradicional, juntamente com as famílias pioneiras.

A composição populacional inicial na segunda metade de século XX, na microrregião cachoeirinha era essencialmente jovem e numerosa, mesclada por indivíduos e famílias de imigrantes nordestinos, alterando significativamente o quadro produtivo onde “até início da década de 1950, as atividades produtivas que predominavam territorialmente (...) eram (...) de subsistência e sem a participação de órgão ou ator que estabelecesse diretrizes organizativas,” (SANTOS, 2011 p. 23).

As mudanças populacionais e produtivas que antecedem à introdução do processo de mecanização das atividades agrícolas e ao intenso êxodo rural, não ocorrem de forma isolada, “representou um marco no desenvolvimento econômico brasileiro. Foi o momento em que o padrão de acumulação nacional se alterou em favor da indústria, provocando ‘deslocamento do centro dinâmico’ da economia.” (ESTEVAM, 2004, p. 93).

Tais mudanças vieram rompendo laços culturais e familiares “introduzindo o trabalho assalariado nas atividades agrícolas e, conseqüentemente um distanciamento entre proprietários e trabalhadores rurais, devido à mercantilização da produção, objetivada a atender as demandas de mercado,” (SANTOS, 2011 p. 19).

Porém, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, a cachoeirinha vivia um misto de transições econômicas e culturais, onde adesões e resistências às mudanças conviviam lado à lado, geradas pelas incertezas do precário processo de desenvolvimento das atividades produtivas, passando por várias situações antagônicas, plantar nem sempre era garantia de colheita farta, boa colheita não representa bons negócios nas vendas e muito menos lucratividade com a produção.

Porém, as décadas de 1950 a 1970, marcam o período de maior efervescência populacional e conseqüentemente das festas populares, num misto de lazer com religiosidade, estes encontros populacionais motivavam confraternizações e reuniões de negócios, encontros de jovens e de manifestações artísticas populares. Geralmente após cada festividade regional desencadeavam-se várias festas cerimoniais de noivados e casamentos.

As festividades regionais tornavam-se momentos oportunos para grandes encontros sociais, políticos e econômicos, principalmente nas décadas que marcaram a transição da economia basicamente de subsistência para uma economia de mercado, expondo os ajustes e as experiências que tornavam cada vez mais importantes para os ajustes sociais e produtivos, face as grandes novidades tecnológicas e financeiras, que eram recentes e pouco divulgadas por parte dos órgãos governamentais e empresas de assistência técnica, por outro lado, era

comum o forte assédio dos vendedores de produtos com tecnologias modernas, que exigiam altos investimentos para aquele estágio produtivo vivenciado pelos produtores rurais, assim como pelo grande comprometimento hipotecário exigido.

As maiores resistências às mudanças no processo produtivo vieram das propriedades que mantinha abundante produção familiar, e da pequena necessidade de produção comercial destas propriedades, que priorizavam suas atividades comerciais na comercialização de rebanhos bovinos para abates, limitando a produção de cereais ao consumo familiar. Produtos industrializados como medicamentos, ferramentas, sal, fungicidas, tecidos e utensílios domésticos eram adquiridos semestral ou anualmente na Cidade de Rio Verde, raramente em Quirinópolis, face ao transporte existente.

A Cachoeirinha só passa a manter relações comerciais com a Cidade de Quirinópolis a partir de meados da década de 1960. As relações cidade-campo só se intensificam nas próximas duas décadas seguintes, introduzindo e fortalecendo o processo de mecanização das atividades produtivas, com intensa substituição do trabalho braçal e o conseqüente êxodo rural.

IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

A microrregião Cachoeirinha é composta por relevos predominantemente planos, suavemente ondulados, com solos de boa fertilidade e bem drenados, com baixa declividade e abundância de água em suas vertentes, hoje com reservas permanentes muito degradadas e reservas legais com percentuais abaixo das exigências legais.

As atividades produtivas nesta microrregião favorecidas pelas condições físicas e naturais, iniciaram com os habitantes pioneiros, ocupando vastas áreas de terras devolutas, iniciando com o cultivo da roça ou lavoura de subsistência alimentar (figuras 01 e 02), cultivadas em locais de solos com maior fertilidade natural, com a criação extensiva de gado de corte e leiteiro, explorando pastagens nativas em áreas de várzeas e de campo cerrado.

A pecuária leiteira desenvolveu explorando pequenas áreas cultivadas e pastagens nativas, localizadas nos arredores dos sítios ou sedes de fazendas. A pecuária bovina doméstica semi-intensiva representava uma das maiores fontes alimentar para as famílias ali residentes durante todo o primeiro século de ocupação. Outras importantes fontes de proteínas animal estavam na produção suína e de aves, atividades comuns em todas as propriedades, independente do tamanho e tipo de vínculos com a terra.



Figura 01 – Lavoura de subsistência, milho intercalado com feijão. Foto: Santos, G. C. dos. 2012.



Figura 02 – Rebanho bovino em pastagens nativas. Foto: Santos, G.C. dos. 2010.

A realidade da Cachoeirinha na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, não era uma realidade isolada das demais regiões do sul goiano. Para Teixeira Neto (2010),

Até recentemente, antes que a moderna agricultura transformasse regiões, como o Sudoeste Goiano, no novo *Eldorado do Sertão*, a roça tradicional, tocada à base de machado, fogo e enxada, e a criação de gado, praticada sobre imensas pastagens naturais, se constituíam no hábito agrícola natural de praticamente todos os goianos. (TEIXEIRA NETO, 2010, p. 47).

Somente após a emancipação política de Quirinópolis, pelo Decreto Lei nº 8.305, de 31 de Dezembro de 1943 e a implantação da sede municipal e da Comarca, que ocorreu em 22 de Janeiro de 1944, caracterizando a desvinculação política e jurídica da Comarca de Rio Verde – GO, iniciando as primeiras relações econômicas, políticas e sociais entre a Cachoeirinha e a sede municipal - Quirinópolis. O desmembramento e a instalação da Comarca representou um passo definitivo para a regularização jurídica da posse e delimitação das propriedades rurais, que ocorrem principalmente a partir das décadas de 1950 e 1960.

A regularização jurídica e política das propriedades rurais possibilitaram, de forma geral, a participação de proprietários e produtores na obtenção de créditos públicos e financiamentos destinados a ampliação do processo produtivo, mesmo que nos primeiros anos da década de 1960 ocorresse apenas ampliação das práticas agrícolas tradicionais com o uso intensivo do trabalho braçal, segundo Miziara (2007) “o processo de modernização da agricultura, principalmente a partir de meados da década de 1960, induziu uma crescente racionalização das atividades produtivas no campo”, (MIZIARA, 2007, p. 660).

Ampliar as lavouras utilizando as mesmas práticas aplicadas nas lavouras de subsistência, não representava algo novo e sim apenas a desestruturação das práticas tradicionais e culturalmente desenvolvidas pelo contingente familiar, introduzindo neste processo grande contingente de mão de obra assalariada originária do processo de imigração, gerando estranha convivência para os núcleos familiares pioneiros até então sobressalientes. Para Santos (2011),

As atividades produtivas originariamente desenvolvidas a partir da produção de subsistência, como o cultivo das lavouras de arroz, milho, algodão e a pecuária leiteira de pequeno porte, sem a introdução de um padrão tecnológico moderno, caracterizando apenas a ampliação do tamanho da lavoura e a eliminação do trabalho familiar, (SANTOS, 2011 p. 22).

A introdução de elementos modernizadores nas atividades agrícolas regionais, acelerou o processo de substituição da mão de obra familiar não remunerada, introduzindo e ampliando o trabalho assalariado, rompendo traços culturais de convivência, onde os homens administravam seu tempo conforme os costumes e as tradições. Com a introdução dos elementos modernizadores, os traços culturais de convivência social foram substituídos pelo tempo do produzir, imposto pelas novas necessidades de mercado, inserindo-se no contexto regional o homem de negócios, com o tempo delimitado pela necessidade de produzir.

As mudanças no processo de produção transformaram as relações de produção, para Estevam “as atividades do campo passam a ser balizadas por caracteres inerentes a um

processo industrial de produção, ou seja, espírito de inovação, cálculo econômico, divisão tecnológica do trabalho, elevado capital técnico por trabalhador” (ESTEVAM, 2004, p. 149).

As tradicionais relações sociais de produção vão ao longo do tempo sendo distanciadas da nova realidade produtiva, os meeiros ou parceiros e arrendatários passam a serem assalariados, os proprietários e produtores rurais nesta nova fase produtiva são residentes urbanos, ou seja, a fazenda que era em primeiro plano a residência familiar e em segundo as alternativas para produzir sua subsistência, nas novas relações de produção, as famílias passam a serem plenamente integradas à vida urbana e a fazenda se torna apenas um negócio dentro do sistema capitalista de produção.

As transformações ocorridas na Cachoeirinha seguem a conformidade regional, sendo gradativas, mas dentro de um curto espaço de tempo. “A transformação das relações de produção ocorrem primeiro na passagem da produção de subsistência para as lavouras monocultiveiras de arroz e milho, através da introdução do processo produtivo mecanizado e do trabalho assalariado”, (SANTOS, 2011 p. 47), (figura 03).



Figura 03 – Lavoura de arroz de sequeiro. Foto: Santos, G.C. dos. 2010

Porém, a partir destas transformações ocorreram opções de atividades produtivas diferentes conforme o tamanho das propriedades. As propriedades menores optaram pela produção leiteira como fonte de renda familiar, as médias propriedades optaram para os cultivos de soja e milho e as maiores propriedades passara à investirem ativamente nas atividades de pecuária extensiva de corte.

As mudanças que ocorreram nesta região são similares à outras microrregiões do Município de Quirinópolis e do sudoeste goiano. Mas, para Borges (2000) “o Sudoeste goiano talvez tenha sido a exceção nesse processo de ‘refuncionalização’ do espaço agrário, que resultou no avanço da pecuária sobre as lavouras”,(BORGES, 2000, p. 104).

Para Santos (2011), “esta refuncionalização ocorre intercalando a inserção de áreas novas, mas mantendo sempre a mesma sequência, áreas com desmatamento recente – cultivos de arroz – cultivos de soja ou pastagens”. Esta refuncionalidade gerou dinâmicas que tornaram intensas para atender as grandes demandas por produtos agrícolas, levando os produtores rurais a colocarem em prática o processo de rotação de culturas, gerando a necessidade de introduzir novos padrões tecnológicos e novos produtos ao processo produtivo, (SANTOS, 2011 p. 49), (figura 04).



Figura 04 – Lavoura de soja. Foto: Santos, G.C. dos. 2014

A refuncionalização que ocorreu nos cultivos regionais a partir da década de 1970 já havia ocorrido na Europa, segundo Guimarães (1989),

“a substituição da lavoura pela pastagem sucedeu em escala considerável na Europa nos finais do século passados (XIX), quando o desenvolvimento da agricultura na América possibilitou a invasão dos mercados do velho continente com produtos a preços muito mais baratos do que os locais. Na Inglaterra, principalmente, e em menor grau na Alemanha e na França, as pastagens começaram, então, a cobrir os campos outrora ocupados no cultivo de cereais”, (GUIMARÃES, 1989, p. 186).

O processo de substituição das lavouras por pastagens foi marcado por um período de valorização da carne bovina nos mercados nacionais e europeus, fato que levou a implantação

de inúmeros frigoríficos no planalto central brasileiro. Porém, a disponibilidade e posse de grandes áreas, o tempo e os custos demandados na formação de pastagens, os custos para a aquisição dos primeiros rebanhos e o tempo para recria e engorda, inviabilizavam o desenvolvimento desta atividade por parte de pequenos proprietários, sendo também restritiva para grande percentual de médio e até de grandes proprietários não capitalizados.

Existem ainda outros fatores que levaram a substituição das lavouras pelas pastagens nas maiores propriedades, mas eles, segundo Guimarães (1989) “recorrem à pecuária extensiva como a alternativa que lhe sobra de utilizar, com proporções mínimas de meio técnico e mão de obra ou, noutras palavras, com poucos investimentos, suas imensas terras monopolizadas.”(GUIMARÃES, 1989, p. 187).

Segundo Guimarães (1989), “capitais nacionais também vieram participar das atividades pecuárias, em ligação ou não com grandes frigoríficos, estimulados pelos pródigos favores distribuídos pelo Governo e atraídos pelos altos preços da carne”. (GUIMARÃES, 1989, p. 188).

A expansão dos mercados e a valorização da carne bovina, tanto nos mercados internos como externos, tiveram influências diretas e definitivas sobre a manutenção das áreas agrícolas, em lavouras ou pastagens na região Cachoeirinha, como em todo o sul goiano. O pleno desenvolvimento da pecuária de corte força a ampliação das pastagens e o cultivo de muitos outros produtos agrícolas, necessários para a composição dos suplementos alimentares ou rações.

Ao optarem pela pecuária extensiva de corte (figura 05), estas propriedades aumentaram a demanda por pastagens cultivadas, necessária para as fases da cria e recria, gerando também grande demanda pela produção de cereais básicos, para a produção de suplementos alimentares para a fase de engorda no sistema semi-intensivo, exigindo “mudanças mais rápidas e significativas na agricultura, com a incorporação de novas áreas e novas espécies de cultivares como o milho híbrido, o milheto, o sorgo e a soja, com adoção de tecnologias e máquinas modernas”, (SANTOS, 2011 p. 33).

Todas estas mudanças incorriam na elevação de custos com investimentos para a implantação e manutenção do processo produtivo de alto padrão tecnológico, tornando-se excludente para pequenos e médios proprietários, que mantinham suas atividades produtivas com baixo padrão de investimentos.



Figura 05 – Pecuária de corte em pastagens cultivadas. Foto: Santos, G.C. dos. 2014.

Sobre este processo, Guimarães (1989) relata que “em regra, nos países capitalistas desenvolvidos e subdesenvolvidos, quanto mais à agricultura se industrializa, tanto mais seus custos de produção por hectare se elevam e mais altos ficam os preços da terra e dos arrendamentos”, (GUIMARÃES, 1989, p. 56). O processo de transformações econômicas prossegue, as pessoas se inserem ativamente e participam das mudanças ou se excluem e migram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento e a manutenção das atividades produtivas na microrregião Cachoeirinha, passou nas últimas duas décadas do século XX por constantes processos de rotação de cultivos, rotação de culturas, de posse do processo produtivo e da terra, face as seguidas crises no comércio de produtos agropecuários, seja nos mercados internos e/ou externos.

Manteve-se ativos no processo produtivo os produtores que conseguiram aderir ao novo o padrão tecnológico reduzindo os custos de produção, aproveitando as boas oportunidades de mercado para ampliarem o volume de vendas, seja de produtos da lavoura ou da pecuária bovina, aproveitando fases ou alguns poucos períodos em que os mercados tornavam atrativos.

Face as grandes mudanças econômicas e produtivas ocorridas na microrregião Cachoeirinha, desencadeou-se durante as décadas de 1970 e 1980 um intenso processo migratório de trabalhadores, de pequenos e médios produtores para a Cidade de Quirinópolis, alterando profundamente o quadro populacional e produtivo local, contribuindo para uma consequente concentração fundiária nas últimas três décadas, permanecendo como residentes na Cachoeirinha pouquíssimos remanescentes da população pioneira.

Hoje, plenamente tomada por lavouras canavieiras, raros são os remanescentes daqueles que participaram das grandes transformações ocorridas nas atividades produtivas regionais, que vivenciaram o período destas transformações produtivas, sociais, culturais e políticas, ocorridas nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Mudou o processo produtivo, eliminando as festas populares e as atividades culturais. Quem viveu e viu, viu. Quem não viu, não verá mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, B. G. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930 – 1960**. Goiânia – GO: Editora da UFG, 2000.

ESTEVAM, L. **O tempo da transformação: Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. 2 ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. 3 ed. São Paulo – SP: PAZ E TERRA, 1989.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. 6 ed. São Paulo – SP: PAZ E TERRA, 1989.

MIZIARA F.; SANTANA, E. P. de. **Extensão Rural no Estado de Goiás: Produção familiar e modernidade reflexiva**. Goiânia – GO: estudos, v. 34, n. 9/10, p. 659-675, set./out. 2007.

SANTOS, G. C. dos. **Análise da dinâmica territorial de Quirinópolis GO, 1960 – 2010**. (Tese de doutorado), Goiânia – GO: IESA/UFG, 2011.

TEIXEIRA NETO, A. **Pequena história da agropecuária goiana (O ouro acabou? Viva o boi! / O ouro se foi? Chegou o boi!)**. Revista Educação & Mudança, 2010. Disponível em: revistas.unievangelica.edu.br/index.php/rem/article/viewfile/27/27 Acesso em: 15/04/2011.